

MARIANNE KAURIN

• AUTORA MULTIPREMIADA •

BEM-VINDOS ao SUL





MARIANNE KAURIN

BEM-VINDOS
ao SUL



1

Este é o último dia. Já só restam algumas horas. Depois, as aulas acabam.

Não há que chorar por causa deste final. Ninguém vai ser assassinado com um machado nem vai cair nenhum meteorito na Terra nem vai haver nenhuma epidemia. É um bom final. A maioria dos alunos divertiu-se. Ansiosos, os meus colegas contaram as semanas que faltavam para que as férias começassem, fizeram as malas e compraram sandálias. Cortaram o cabelo para estrear um penteado novo no verão. Eu também disse que estava contente. Digo que vai ser fantástico, e calculo de quanto tempo estamos a falar.

Sempre gostei de contar coisas. Dias e minutos. Elásticos do cabelo, marcadores, amigos. É algo que faço sem pensar, começo naturalmente a contar. Tenho 14 canetas roxas no meu estojo, embora a minha cor preferida seja o azul. Há 68 degraus entre o terceiro andar e o pátio das traseiras, e 42 passos separam o pátio das traseiras da

placa feia que nos dá as boas-vindas à Cooperativa de Habitação Bela Vista. Já vivi mais de quatro mil dias. Morei em seis apartamentos. Em três cidades diferentes. Já frequentei cinco anos escolares e estou a terminar o sexto. Tive três amigos cujos nomes começam pela letra M. Já não falo com nenhum deles, mas o M é a minha letra preferida. É por isso que assenta tão bem à Maria.

Se alguém me perguntasse quantos passos separam o ginásio da sala de aula, eu saberia a resposta, sem dúvida. E agora é mesmo aí que estou. À frente do ginásio, a caminho da sala de aula. O asfalto queima-me as solas, a bandeira está hasteada. A Mathilde e a Regine estão encostadas à grade da escola secundária, como se estivessem ansiosas por começar a andar lá. Estão no grupo a que todos querem pertencer, elas *são* o grupo. Todas usam tops justos e cabelo comprido. A Regine levanta o telemóvel e tenta apanhar todo o grupo numa fotografia. Sorriem, divertem-se.

Passo por elas de boca fechada. É melhor contar só para mim, penso eu, e vejo que a Mathilde posa para a foto a fazer biquinho antes de se virar para os outros.

O Markus está no grupo dos rapazes, perto do mastro da bandeira. Traz vestida uma t-shirt vermelha e já está moreno, tanto nos braços quanto na cara. Ouço as gargalhadas dele aqui em baixo, embora esteja a 60 passos de distância daquele som intenso e maravilhoso. Na verdade, devia contar em voz alta quando passo por ele, só para que veja que de facto existo, mas então seria a rapariga estranha, e já basta que seja a rapariga nova.

A Johanne e outras raparigas da turma estão à entrada, de onde lançam olhares de desejo aos baloiços. A Johanne está a usar o casaco corta-vento, embora estejam 40 graus, e também tem o capacete da bicicleta na cabeça. Estão a falar de um acampamento que vão fazer depois das férias de verão. Vai ser espetacular. Talvez me pudesse integrar neste grupo. Talvez pudesse ir com elas ao acampamento. Mas só consigo pensar no mastro da bandeira e na escola secundária, onde há pessoas que podem, de facto, elevar-me, puxar-me para cima.

Por isso, faço o que é meu costume fazer, só digo olá e caminho depressa até à entrada, subo as escadas até ao primeiro andar e entro na sala de aula, que tem as janelas voltadas para o pátio da escola. A sala de aula está, como sempre, em silêncio, como se estivesse à espera de alguma coisa.

Acabei de me pôr à janela para ver bem um certo mastro de bandeira quando a porta se abre. Uma cabeça cheia de caracóis espreita cá para dentro, é um rapaz.

— Olá.

Olha para mim da porta, só se lhe vê a cabeça. Como nunca o tinha visto, hesito um bocadinho antes de responder. Ele sorri, tem olhos grandes.

— Aqui é a sala do sexto A, não é?

Dá um passo atrás, fecha a porta e abre-a outra vez. Provavelmente deu uma vista de olhos ao horário pendurado do lado de fora da porta. Respondo que sim com um aceno de cabeça. Afasto-me depressa da janela e sento-me no meu lugar. Finjo que estou a fazer alguma coisa importante enquanto mexo no estojo.

— Como te chamas? — pergunta ele ao entrar na sala.

Olha em volta e sorri. Como se nunca tivesse estado numa sala de aula, como se esta sala de aula fosse muito diferente e até muito melhor do que uma vulgar sala de aula norueguesa do segundo ciclo. Tem uma mão enfiada no bolso e com a outra segura num boné. Está a usar uma t-shirt do jardim zoológico, e os seus calções castanho-cocó parecem demasiado grandes, balançam de uma forma que não é nada fixe. Não traz meias calçadas e está a usar uma espécie de sapatos de tela que devem ter sido brancos há 100 anos. Tem pernas e braços magros e pálidos, e os caracóis do seu cabelo mexem para cima e para baixo sem parar, mesmo quando não vira a cabeça.

— Ina — respondo.

— Muito bem — diz ele, e sorri ainda mais. Tem um dos dentes da frente tortos. — Eu sou o Vilmer.

Não diz mais nada, olha para mim em silêncio, como se estivesse à espera que eu iniciasse uma conversa, como se fosse essa a minha responsabilidade. Podia perguntar-lhe de onde é que ele vem e o que está a fazer na nossa sala de aula, ou se gosta do jardim zoológico e de calções demasiado largos, mas não consigo. Porque agora está a tocar a campainha e quatro segundos depois já está demasiado barulho na sala. O rapaz que se chama Vilmer encosta-se à parede do fundo. Parece que ninguém repara sequer nele, estão todos a rir e a falar e a brincar. Porque é o último dia de aulas. O ano letivo está quase a acabar. Só nos restam três horas de aula com a nossa professora, a Sra. Vigdis, e depois começam as férias de verão.

2

As férias de verão têm 54 dias. contei-os no calendário que está pendurado no frigorífico. Cinquenta e quatro dias equivalem a 1296 horas. Que correspondem, por sua vez, a 77 760 minutos. Ainda não contei quantos segundos são, mas de certeza que são muitos. Talvez vários milhões.

A professora Vigdis está à nossa frente, é o nosso último dia no 6.º A. Está a usar um vestido amarelo-claro especialmente escolhido para a ocasião, e maquilhou-se bastante. Os lábios brilham, pintados de cor-de-rosa, e tem o cabelo apanhado num puxo, no alto da cabeça, que mais parece um cogumelo.

— Bem-vindos, meus queridos, ao vosso último dia no sexto ano — diz ela solenemente, e olha para a turma como se fosse uma rainha a discursar aos seus súbitos.

Tira os óculos redondos e põe uma das hastes na boca, algo que faz minuto sim, minuto não. E como está sempre a levar os óculos à boca e usa tanto batom, fica muitas vezes cor-de-rosa atrás das orelhas. Muitos dos meus

colegas de turma acham que a professora Vigdis é coxa. Esses meus colegas troçam do modo como anda e criticam as roupas estranhas que usa. A professora Vigdis parece não querer saber de nada disso. Uma vez, apanhou o Markus a imitá-la. Ele estava a coxear pela sala de aula e a cacarejar como uma galinha, e a professora Vigdis viu-o da porta. O Markus ficou muito envergonhado, mas a professora só se riu.

— Saíste-me cá uma bela galinha — disse ela, e saiu da sala para inspecionar o pátio durante o recreio com um dos coletes refletos que lhe ficam muito justos sobre os peitos bamboleantes.

Agora, aponta para a parede do fundo da sala e todos se viram para trás. Começam a ouvir-se sussurros pela sala quando veem ali, por fim, um rapaz desconhecido com roupas esquisitas. Os alunos desta turma são muito exigentes com as roupas.

— Ah, estás aí! — diz a professora Vigdis ao rapaz que se chama Vilmer. — Ainda bem que pudeste passar por cá.

Ela vai até ao fundo da sala, cumprimenta-o, leva-o com ela até ao quadro e abre os braços.

— Temos uma visita — anuncia ela, e pousa as mãos nos ombros dele, sobre a t-shirt do jardim zoológico.

Parece orgulhosa, como se apresentasse pela primeira vez um bebé recém-nascido à família.

— Este rapaz, minhas senhoras e meus senhores, vai entrar na nossa turma no outono. Hoje, só cá veio visitar-nos.

Curva-se sobre o Vilmer.

— Podes dizer-lhes como te chamas — acrescenta ela.

— Vilmer — diz ele em voz alta e com boa dicção.

Alguém dá uma risadinha.

— Muito bem — diz a professora Vigdis. — O Vilmer acabou de se mudar para cá. Onde é que moras, mesmo?

— No número 30 da Trosteveien — diz o Vilmer. — No prédio F.

Parece uma criancinha que acabou de aprender a recitar o endereço de casa.

— Muito bem — repete a professora Vigdis. — Então moras na Cooperativa Bela Vista!

Agora são vários colegas que dão risadinhas. Não sei o que é que a Cooperativa Bela Vista tem de engraçado, exceto o facto de lhe chamarem Fraca Vista e ser certamente a urbanização mais feia do mundo — ganharia até o primeiro prémio num concurso de fealdades!

— A Ina também mora na Bela Vista — diz a professora Vigdis enquanto aponta para mim. — Depois das férias de verão, podem vir juntos para a escola.

Gosto bastante da professora Vigdis, é ótima pessoa. Mas neste momento está a irritar-me. O que lhe passou pela cabeça para me obrigar a ser amiga de um rapaz que veste calções demasiado grandes e uma t-shirt do jardim zoológico, só porque mora na mesma urbanização que eu? Porque é que ela teve sequer de falar da Bela Vista? É muito simpático da parte da professora Vigdis tentar arranjar-me amigos, tenta-o desde que comecei a andar aqui, no sexto ano. Mas preciso de amigos que me puxem para cima, não que me arrastem para baixo. E o Vilmer parecer ser, sem dúvida, deste último tipo.

Por fim, o Vilmer já pode sair da frente do quadro, e então senta-se numa cadeira no fundo de tudo da sala. Tenta cruzar o olhar dele com o meu quando passa pela minha carteira, como se já fôssemos os melhores amigos. Só porque moramos perto um do outro e nos conhecemos dez segundos antes de os outros entrarem na sala de aula! Olho rapidamente noutra direção.

— Stora! Stora!

A Mathilde acena com um braço e começa a falar, embora a professora Vigdis esteja ainda concentrada no Vilmer.

— Podemos fazer uma ronda e perguntar um a um à turma inteira onde vamos passar as férias?

Muitos parecem achar que é uma bela ideia. Gritam-se destinos como Maiorca, Estados Unidos, França. A Mathilde levantou-se um pouco acima do assento da cadeira e está a esbracejar para organizar a ronda completa à turma, em que muitos colegas parecem estar ansiosos por participar. A professora sugere que talvez nem todos tenhamos de falar das nossas férias, mas a Mathilde está tão empenhada que nem a ouve.

— A Tuva começa — grita ela, e aponta para a carteira próxima da janela, na primeira fila.

Tenho uma perna a tremer e a boca seca. E então a Tuva começa a falar, vai passar três semanas no sul de Itália. A Mathilde aponta para o Teodor, para que todos percebam que vamos avançar da frente para trás, carteira a carteira. Conto até 11. Pouso uma mão na perna, para que não trema tanto. Só 11 carteiras até ser a minha vez de falar. O Teodor vai à Croácia. A Selma vai passar

algumas semanas em Espanha. O Simen, que se senta atrás da Selma, vai à Florida. Fala em voz alta e clara, e muitos suspiram de inveja. A Una, que está atrás do Simen, diz que gostava de ir, *ela* também, até tão longe quanto a Florida, mas que só vai viajar até à Dinamarca.

— Mas no próximo ano — acrescenta a Una — vamos passar quatro semanas na Tailândia.

Faltam sete colegas até chegar a minha vez. O Mathias vai a Rodes. A Vilde, ao Dubai. Todos têm planos para as férias e todos os querem contar à turma. Todos vão viajar. Ao estrangeiro. Os alunos desta turma adoram o estrangeiro. Até houve um concurso para ver quem visitou mais países. A Regine ganhou, porque já foi a 27.

Olho para a professora Vigdis e depois para a minha carteira, enquanto ouço a Mathilde dizer que vai passar duas semanas num *resort* em Portugal. Nem sequer sei ao certo o que é um *resort*, mas parece ser uma coisa boa. Em breve, será a minha vez de falar. Em breve, terei de dizer onde vou passar as férias. Sinto o estômago às voltas, quase como se se tivesse embrulhado no coração, que está aos pulos.

— Oh, céus — diz, espantada, a professora Vigdis. — Aqui não falta quem vá ao estrangeiro, parece que vão todos conhecer o mundo! Sabem o que vou fazer nas férias?

Faltam três carteiras até chegar a minha vez de falar e acho ótimo a professora Vigdis empatar o andamento da ronda, porque assim posso pensar mais um bocadinho nos meus próprios planos de viagem.

— Comprei uma cabana pequenina. À beira de um lago, no meio da floresta. Pode dizer-se que agora tenho

o meu próprio pequeno *resort*. E vou passar lá o verão inteiro só a ler livros e a comer comida da boa. Também é um bom plano de férias, não acham?

Ninguém responde; dois colegas assentem com acenos de cabeça e alguns outros soltam uma espécie de grunhido. Como se os planos de férias da professora Vigdis não valessem nada. Quem é que quer passar as férias sentado à beira de um lago na floresta a ler livros?

O Markus é o próximo a falar. Está sentado duas carteiras à minha frente. Passo todos os dias mais de quatro horas a olhar para as costas dele. São muitos minutos, se se tiver em conta todo o ano letivo. Conheço as costas dele como as palmas das minhas mãos, sei como se parecem quando tosse e quando se ri, conheço os pequenos movimentos que faz quando mexe as omoplatas. Reparo de imediato se traz vestida uma camisola nova. Já gastei à vontade mais de duas mil horas a imaginar como seria deslizar a minha mão por aquelas costas, que conheço tão bem de vista.

O Markus diz que vai primeiro para a casa de férias que têm no sul da Noruega, para onde parte já amanhã bem cedo. Depois, vai passar duas semanas em Espanha. Vejo que acena com a cabeça à Selma.

— Mas aquilo por que estou mais ansioso — acrescenta, entusiasmado, o Markus — é ir a Londres.

Olha em volta para ver se todos os colegas na sala de aula o estão a ouvir bem.

— Quando lá estiver, eu e o meu pai vamos ver um jogo do Chelsea. E vai ser ótimo, porque o meu pai é tão fã do Chelsea quanto eu.

Sorri, muito satisfeito, e vira-se para a Julie. Sinto a pele da cara a ferver como uma panela ao lume. Porque estou sentada mesmo atrás da Julie. Por isso, ele olha quase para mim. O olhar dele só não se cruza com o meu por uma questão de poucos centímetros.

A Julie começa a falar com cautela, tem a voz rouca. Pergunto a mim mesma se ela não tem nada que dizer, se não vai visitar nenhum lugar do mundo durante 54 dias, se vai apenas ficar em casa. Mas claro que não. Ninguém fica em *casa* no verão.

A Julie vai ao Chipre. Com a mãe. E depois vai a França com o pai.

— E é isso que há de bom em ter pais divorciados — diz a Julie, muito contente. — Assim, viaja-se duas vezes ao estrangeiro, tem-se férias em duplicado.

Ela vira-se para trás na cadeira e olha para mim. Todos olham para mim. A professora Vigdis incluída. Faz-se silêncio na sala de aula. Silêncio absoluto. Sei que tenho de abrir a boca, que querem saber onde vou passar o verão, que planos fantásticos eu e a minha família temos para as férias, que experiências conto ter. Olho para todos eles, um a um, para os rostos cheios de expectativa, e sinto ter a boca vazia. Não tenho uma única palavra na língua. Fico com a boca aberta por alguns segundos, arfo e pigarreio, e depois sai-me um som fraco das cordas vocais.

— No verão — digo, e olho para o Markus.

Ele também olha para mim. Agora está a olhar para mim!

— No verão — repito, e espero um pouco até me decidir. — No verão, vou para o Sul.

A professora Vigdis, contente, acena com a cabeça e sorri. O Markus continua a olhar para mim. Todos olham para mim, querem que lhes conte mais pormenores.

— E vou adorar — digo, e imagino as piscinas e os escorregas de água e as intermináveis praias brancas, os guarda-sóis e as zonas de diversão para crianças. Mas, é claro, já sou grande de mais para as zonas dedicadas às crianças. — Vou nadar e apanhar sol e descontraír. Vou só fazer coisas assim, como se faz no Sul. Durante muitas semanas. Vou-me embora amanhã cedo.

Ouçõ, de repente, uma risadinha. Ou melhor, duas. Vêm da penúltima fila, junto à janela. A Mathilde inclina-se em direção à Regine, põe a mão à frente a boca e susurra uma coisa qualquer.

— Não há nenhum sítio chamado o Sul — diz, muito segura de si, a Regine.

Ela é a subdelegada da turma e vai ser advogada quando for grande, como a mãe dela.

— De qualquer maneira, parece estúpido dizer-se o *Sul*.

A minha perna começa outra vez a tremer. Sinto também um pequeno formigueiro no braço esquerdo. Não podemos simplesmente avançar, porque não dão a vez ao próximo?

— Para onde vais, afinal, Ina? O Sul não é um país.

Voltam a dar risadinhas. Muitos outros riem-se à gargalhada. Então, por sorte, a professora toma a palavra.

— É muito normal dizermos, aqui na Escandinávia, o Sul, embora não corresponda a um sítio físico e preciso no mapa. É o nome que se dá quando se viaja em férias mais para sul, para se relaxar e divertir e nadar no mar. Tal como a Ina vai fazer.

A professora Vigdis aponta para mim com irritação. Como se os alunos da turma estivessem senis e de repente se tivessem esquecido de quem é que vai viajar para o Sul.

— Então o Sul pode ser um sítio qualquer.

A professora Vigdis olha para a Marte e a ronda continua, há que ouvir que planos têm os outros para as férias. Felizmente. Já chega de falar do Sul. A Marte vai para a montanha e andar de bicicleta no trilho de Rallarvegen. O Patrick vai viajar de autocaravana, durante três semanas, pela Europa. A Johanne vai para a casa dos avós, em Lofoten. A Regine vai a Creta, que é uma ilha que fica no Sul. Olha para mim quando diz o Sul, pronuncia as palavras como se as estivesse a explicar a uma criança de 3 anos ou a uma pessoa com lesões cerebrais.

— Mas antes disso vou passar uma semana em Paris a fazer compras — diz ela, com orgulho, enquanto olha para a Mathilde.

A professora Vigdis toma a palavra quando o resto da turma já contou os seus planos para as férias.

— Bem, então vamos continuar — diz ela, mas então vê o Vilmer no fundo da sala. — Ah, sim, esquecemo-nos de te perguntar a ti, Vilmer. Tens alguns planos interessantes para as férias?

Voltam-se todos para trás, para o ver. Ele sorri.

— Eu também vou para o Sul — diz ele, e olha para mim.

O que é que ele quer dizer com isto?

— Ná, nada disso — continuou Vilmer. — Vou ficar em casa.

Olha para a professora.

— Porque o meu pai está sem dinheiro, por isso não temos férias este ano.

Encolhe os ombros e olha para toda a gente na sala. Alguém dá uma risadinha, é claro. Há sempre alguém que dá uma risadinha.

— Não vai haver nenhum Sul para mim — diz o Vilmer, com um sorriso de orelha a orelha.

Como se fosse maravilhoso não ir a lado nenhum. Parece estar *contente* por entrar agora de férias, embora só vá ficar em casa. Com o pai, que está sem dinheiro. Na Cooperativa Bela Vista.

Livros que te surpreendem pela história,
que te atraem pela imagem,
que te conquistam pela mensagem,
que se distinguem como estrelas brilhantes.

LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO



*«É a primeira vez que comentam um post meu.
Sinto-me muito aliviada e leve, e pareço pairar no ar quando
desço as escadas e saio para o pátio das traseiras.»*

A Ina tem 12 anos e sente uma grande pressão para ser aceite. Nunca foi uma rapariga popular e vive num bairro social. No último dia de aulas, em vez de se sentir feliz, a Ina está nervosa. Todos os colegas contam o que vão fazer nas férias e a única coisa que ela sabe é que a mãe está desempregada e não têm dinheiro para passeios. Mas, num impulso, diz que vai para o Sul. Como é uma indicação vaga, a Ina é bombardeada com perguntas dos colegas e, a partir desse dia, a mentira não para de crescer.

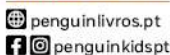
É preciso manter as aparências nas redes sociais e será o Vilmer, o novo colega de turma, quem a vai ajudar. Juntos, montam um cenário e um esquema que parece perfeito. Até deixar de o ser. E a Ina terá de assumir a verdade e lidar com as consequências.

Um livro atual e emotivo, de uma autora norueguesa premiada internacionalmente, que aborda questões como: a pressão das redes sociais, o lidar com problemas familiares e económicos, e a importância dos verdadeiros amigos.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil



12+

ISBN 9789897871702



9 789897 871702 >